

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
ESCOLA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, INOVAÇÃO E NEGÓCIOS
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

Fernanda Lucas Von Helden

RELATÓRIO DE ESTÁGIO TÉCNICO PROFISSIONAL EM MEDICINA VETERINÁRIA
Área: Clínica Médica de Pequenos Animais

Passo Fundo
2023
Fernanda Lucas Von Helden

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
ESCOLA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, INOVAÇÃO E NEGÓCIOS
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

Fernanda Lucas Von Helden

RELATÓRIO DE ESTÁGIO TÉCNICO PROFISSIONAL EM MEDICINA VETERINÁRIA
Área: Clínica Médica de Pequenos Animais

Relatório de Estágio Técnico Profissional apresentado ao Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de Médico(a) Veterinário(a), sob orientação acadêmica da Médica Veterinária Profa. Dra. Heloísa Helena de Alcantara Barcellos.

Passo Fundo
2023
Fernanda Lucas Von Helden

Fernanda Lucas Von Helden

Relatório de Estágio Técnico Profissional
Área: Clínica Médica de Pequenos Animais

Relatório de Estágio Técnico Profissional apresentado ao Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de Médico(a) Veterinário(a), sob orientação acadêmica da Médica Veterinária Profa. Dra. Heloísa Helena de Alcantara Barcellos.

Aprovada em _____ de _____ de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Heloísa Alcantara Barcellos

Profa. Dra. Naila Cristina Blatt Duda

M.V. Caroline Castagnara Alves

RESUMO

O Estágio Técnico Profissional (ETP) é de extrema importância na formação do profissional Médico Veterinário. Por meio dele o acadêmico consegue aperfeiçoar e colocar em prática o conhecimento teórico adquirido durante o período de graduação.

Este trabalho tem por objetivo descrever todas as atividades desenvolvidas durante o estágio curricular obrigatório em Medicina Veterinária no Hospital Veterinário de Passo Fundo (HV-UPF), na área de Clínica Médica de Pequenos Animais. O estágio foi realizado no período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023, compreendendo 432 horas, sob supervisão local da Médica Veterinária Camila Marques Linck e orientação acadêmica da Médica Veterinária Profa. Dra. Heloísa Helena de Alcantara Barcellos.

No presente relatório serão abordados a descrição do local de estágio, infraestrutura, equipe, casuística acompanhada e atividades desenvolvidas. Além de descrever um relato de caso de um felino, fêmea, sem raça definida, de quatro anos, diagnosticada com Complexo-gengivite-estomatite-faringite felino.

Palavras-chave: estágio curricular, clínica médica de pequenos animais, complexo-gengivite-estomatite-faringite felino.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pórtico, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo (RS).....	10
Figura 2 - HV-UPF, Passo Fundo (RS). (A) Secretaria e sala de espera. (B) Consultório (C) Consultório Doenças Infectocontagiosas. (D) Sala de emergência.....	11
Figura 3 - HV-UPF, Passo Fundo (RS). (A) Sala de radiografia. (B) Sala de Ultrassonografia. (C) Sala de preparo.....	12
Figura 4 - HV-UPF, Passo Fundo (RS). (A) CTI. (B) Canil. (C) Gatil.....	12

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Total de atividades realizadas e acompanhadas na rotina do HV-UPF durante o ETP em Medicina Veterinária durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.....	13
Tabela 2 – Procedimentos ambulatoriais acompanhados na rotina do HV-UPF durante o ETP em Medicina Veterinária durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.....	14
Tabela 3 – Exames de imagem acompanhados na rotina do HV-UPF durante o ETP em Medicina Veterinária durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.....	15
Tabela 4 - Afecções acompanhadas, de acordo com o sistema acometido na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.....	16
Tabela 5 - Afecções do sistema digestório e glândulas anexas acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.....	17
Tabela 6 - Afecções do sistema reprodutor acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.....	18
Tabela 7 - Afecções do sistema urinário acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.....	19
Tabela 8 - Afecções do sistema endócrino acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.....	20
Tabela 9 - Afecções do sistema musculoesquelético acompanhadas na rotina de clínica	

médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.....	21
Tabela 10 - Afecções do sistema otológico acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.....	22
Tabela 11 - Afecções neurológicas acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.....	22
Tabela 12 - Afecções respiratórias acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo.....	23
Tabela 13 - Afecções oncológicas acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.....	24
Tabela 14 - Afecções infectocontagiosas e parasitárias acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.....	26

LISTA DE SÍMBOLOS, UNIDADES, ABREVIATURAS E SIGLAS

%	Porcentagem
μL	Microlitros
AF	Ânulo fibroso
ACTH	Hormônio adrenocorticotrófico
ALT	Alanina aminotransferase
bpm	Batimentos por minuto
CGEFF	Complexo gengivite-estomatite-faringite felino
CVF	Calicivírus felino
cm	Centímetros
DTUIF	Doença do trato urinário inferior felino
DDIV	Doença do Disco Intervertebral
ETP	Estágio Técnico Profissional
FA	Fosfatase alcalina
FeLV	Vírus da Leucemia Felina
FIV	Vírus da Imunodeficiência Felina
GGT	Gama Glutamil Transferase
HVF-1	Herpes vírus felino tipo 1
HV-UPF	Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo
IV	Intravenoso
kg	Quilogramas
mg.kg	Miligramas por quilograma
mL.kg	Mililitro por quilograma
mg/m ²	Miligrama por superfície corpórea
mrpm	Movimentos respiratórios por minuto
NP	Núcleo pulposo
RM	Ressonância magnética
SC	Subcutâneo
TC	Tomografia computadorizada
US	Ultrassonografia
ug/kg	Micrograma por quilograma
VO	Via oral

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. DESCRIÇÃO LOCAL DE ESTÁGIO.....	10
2.1. Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo.....	10
3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	13
3.1 Atividades Gerais.....	13
3.1.1. Procedimentos Ambulatoriais.....	13
3.1.2. Exames de Imagem.....	15
3.2. Atividades Específicas.....	16
3.2.1. Sistema Digestório e Glândulas Anexas.....	16
3.2.2. Sistema Reprodutor.....	17
3.2.3. Sistema Urinário.....	18
3.2.4. Sistema Endócrino.....	19
3.2.5. Sistema Musculoesquelético.....	20
3.2.6. Sistema Otológico.....	21
3.2.7. Sistema Neurológico.....	22
3.2.8. Sistema Respiratório.....	23
3.2.9. Sistema Oncológico.....	24
3.2.10. Afecções Infectocontagiosas e Parasitárias.....	25
4. RELATO DE CASO.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXOS.....	40

1. INTRODUÇÃO

O estágio técnico profissional (ETP) é uma disciplina de caráter obrigatório para a conclusão do curso de Medicina Veterinária na Universidade de Passo Fundo. A realização do estágio permite que o graduando aprimore habilidades fundamentais para formação profissional, também possibilita correlacionar os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso com a vivência prática. Ao acompanhar a rotina clínica de médicos veterinários capacitados, é possível aprender sobre as técnicas utilizadas e conduta em relação a tutores e pacientes, o que contribui para a formação do profissional.

A área de escolha para a realização do ETP foi a de Clínica Médica de Pequenos Animais, no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo (HV-UPF). O local foi escolhido devido à rotina diversificada de atendimentos clínicos e emergenciais e estrutura completa, que fornece acompanhamento integral dos casos clínicos, desde o atendimento, realização dos exames complementares até os cuidados na internação.

O estágio compreendeu 432 horas, durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023 (Anexo 1), sob supervisão local da Médica Veterinária Camila Marques Linck e sob orientação da Professora Dra. Heloísa Helena de Alcantara Barcellos.

O presente relatório tem por objetivo descrever o local de estágio, as atividades gerais e específicas desenvolvidas ou acompanhadas, a casuística de atendimentos e um relato de caso clínico de um felino acometido pelo Complexo-gengivite-estomatite-faringite felino.

2. DESCRIÇÃO LOCAL DE ESTÁGIO

2.1. Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo

O local escolhido para o estágio foi o Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo (HV-UPF), localizado junto ao Campus I da Universidade de Passo Fundo, na BR 285, km 292, Bairro São José na cidade Passo Fundo/RS (Figura 1).

Figura 1 - Pórtico, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo (RS).



Fonte: Arquivo UPF, 2023.

Inaugurado no dia 2 de junho de 2000, o hospital escola é referência na região do Planalto médio, por disponibilizar atendimento clínico, cirúrgico e diagnóstico para animais de pequeno a grande porte, além de silvestres e exóticos. O HV-UPF conta com atendimento 24 horas para casos de urgência e emergência e atendimentos eletivos de segunda a sexta-feira, das 08 às 18 horas, agendados via e-mail ou telefone.

O corpo clínico hospitalar era composto por 58 funcionários, distribuídos em: um gerente; um supervisor clínico; sete auxiliares administrativos; um assistente administrativo; 10 auxiliares de limpeza; seis auxiliares de farmácia; três farmacêuticas; dois auxiliares de laboratórios; três laboratoristas; sete técnicos de procedimentos veterinários; três técnicos em radiologia; 21 estagiários remunerados divididos entre os setores do HV-UPF; 15 médicos veterinários técnicos e 15 médicos veterinários residentes do Programa de Residência Integrada em Medicina Veterinária. Dentre os contratados havia especialistas nas áreas de neurologia, dermatologia, anestesiologia e tratamento da dor e ortopedia.

O HV-UPF possuía uma ampla estrutura, que contava com uma secretaria, onde eram realizados os cadastros dos pacientes previamente aos atendimentos e também os agendamentos; anexo havia uma sala de espera, onde os tutores aguardavam com seus animais (Figura 2 - A). Havia cinco ambulatórios, onde eram realizadas as consultas (Figura 2 - B), sendo um destinado ao atendimento de doenças infectocontagiosas (Figura 2 - C) e dois para aulas práticas do curso. Também havia uma sala destinada a atendimentos de emergência (Figura 2 - D).

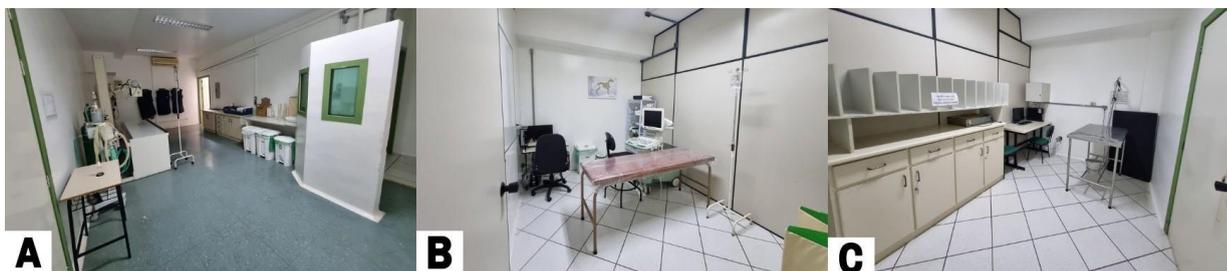
Figura 2 - HV-UPF, Passo Fundo (RS). (A) Secretaria e sala de espera. (B) Consultório. (C) Consultório Doenças Infectocontagiosas. (D) Sala de emergência.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

O hospital também possuía um setor de diagnóstico por imagem, que dispunha de uma sala para radiografia (Figura 3 - A) e uma para ultrassonografia (Figura 3 - B), onde também eram realizados exames ecocardiográficos e eletrocardiográficos, além de uma sala para preparação dos pacientes (Figura 3 - C), uma sala para confecção dos laudos e uma sala para revelação e interpretação de exames.

Figura 3 - HV-UPF, Passo Fundo (RS). (A) Sala de radiografia. (B) Sala de Ultrassonografia. (C) Sala de preparo.

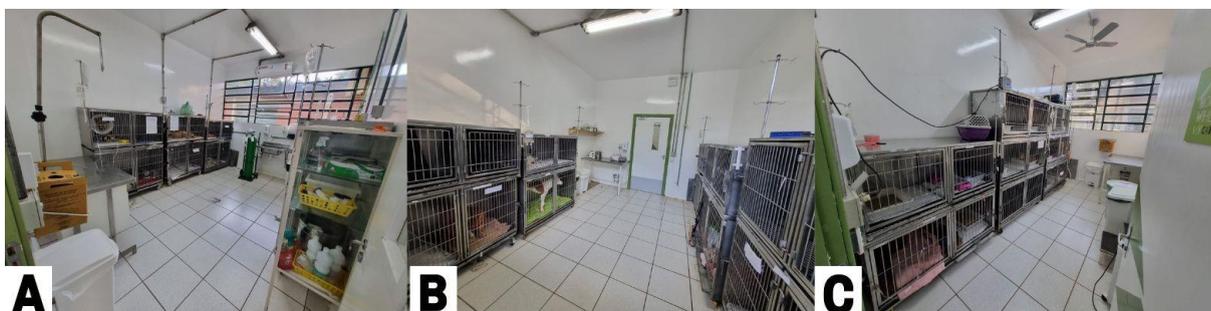


Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

O HV-UPF também possuía setor de internação e de isolamento. O setor de internação possuía leitos distribuídos em cinco salas, sendo: um centro de tratamento intensivo (CTI) (Figura 4 - A), destinado àqueles animais em estados mais graves, três canis (Figura 4 - B) e um gatil (Figura 4 - C).

O setor de isolamento, destinava-se àqueles pacientes com doenças infectocontagiosas, a área encontra-se afastada do setor de internação, e seu acesso era realizado pela parte externa do hospital, a fim de evitar a contaminação de outros animais internados.

Figura 4 - HV-UPF, Passo Fundo (RS). (A) CTI. (B) Canil. (C) Gatil.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Além disso, contava com uma farmácia interna, um solário e um posto de enfermagem. O hospital também possuía diversos laboratórios, tais como: análises clínicas, bacteriologia, parasitologia veterinária, reprodução, virologia e patologia animal, que prestavam serviços internos e externos.

3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

3.1 Atividades Gerais

O estágio técnico profissional (ETP) foi realizado na área de Clínica Médica de Pequenos Animais, no HV-UPF, durante o período de primeiro de agosto a 20 de outubro de 2023, totalizando 432 horas. As atividades gerais realizadas compreenderam auxiliar nos atendimentos clínicos e emergenciais, nos procedimentos ambulatoriais e acompanhar exames de imagem. Sendo o total destes, descritos na Tabela 1.

Foram acompanhados 77 atendimentos clínicos, sendo 61 em caninos e 16 em felinos, demonstrando maior casuística clínica em cães. Os procedimentos ambulatoriais eram realizados após os atendimentos eletivos, ou imediatamente em casos de urgência e emergência, visando estabilizar o paciente. Os exames de imagem eram realizados conforme a orientação do médico veterinário e a necessidade do paciente, visto que contribuem no diagnóstico das enfermidades e permitem avaliar o paciente de forma geral.

Tabela 1 – Total de atividades realizadas e acompanhadas na rotina do HV-UPF durante o ETP em Medicina Veterinária no período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.

Atividades Acompanhadas	Caninos	Felinos	Total	%
Atendimento clínico	61	16	77	10,61%
Exames de Imagem	95	31	126	17,36%
Procedimentos ambulatoriais	370	153	523	72,04%
Total	526	200	726	100,00%

3.1.1. Procedimentos Ambulatoriais

Os procedimentos ambulatoriais foram computados na Tabela 2; nesta categoria, foram contabilizados todos os procedimentos realizados e/ou acompanhados durante os atendimentos clínicos e emergenciais e, também, no setor de internação. Os procedimentos consistiram em estabilização de pacientes, monitoração de parâmetros clínicos, como temperatura, frequência cardíaca, frequência respiratória, aferição de pressão e aferição de glicemia. Também eram realizadas coletas de material para análises clínicas hematológicas, bioquímicas e citológicas. Além de acessos venosos em pacientes internados ou que iam realizar procedimentos cirúrgicos, visando a administração de medicações e de fluidoterapia.

Ademais, eram realizados testes rápidos pertinentes para confirmar o diagnóstico clínico dos animais.

Como demonstrado na Tabela 2, o procedimento ambulatorial mais frequente foi a coleta de sangue, seguido de acesso venoso, que totalizaram 199 e 120, respectivamente.

Tabela 2 – Procedimentos ambulatoriais acompanhados na rotina do HV-UPF durante o ETP em Medicina Veterinária no período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.

Procedimentos ambulatoriais	Caninos	Felinos	Total	%
Acesso venoso	91	29	120	20,98%
Abdominocentese	4	z	4	0,70%
Aferição de pressão	2	1	3	0,52%
Aferição de glicemia	7	1	8	1,40%
Cateterismo uretral	5	z	5	0,87%
Cistocentese guiada por ultrassom	13	4	17	2,97%
Citologia aspirativa por agulha fina	4	z	4	0,70%
Coleta de sangue	139	60	199	34,79%
Confecção de tala	4	z	4	0,70%
Coleta de líquido	5	z	5	0,87%
Enema	1	z	1	0,17%
Eutânsia	2	z	2	0,35%
Entubação orotraqueal	5	1	6	1,05%
Dermorrafia	2	1	3	0,52%
Lavagem vesical	z	3	3	0,52%
Lavagem gástrica	2	z	2	0,35%
Limpeza de ferida	10	z	10	1,75%
Pericardiocentese	3	z	3	0,52%
Quimioterapia	1	1	2	0,35%
Raspado de pele	1	z	1	0,17%
Reanimação cardiorrespiratória	4	1	5	0,87%
Retirada de pontos	3	z	3	0,52%
Sedação	35	14	49	8,57%
Sondagem vesical	9	9	18	3,15%
Sonda esofágica	2	2	4	0,70%
Teste imunocromatográfico Fiv/FeLV	z	19	19	3,32%
Teste imunocromatográfico cinomose	9	z	9	1,57%
Teste fluoresceína	2	z	2	0,35%

Toracocentese	1	1	2	0,35%
Transfusão sanguínea	3	2	5	0,87%
Vacinação	1	2	3	0,52%
Total	411	161	572	100,00%

Z = zero

3.1.2. Exames de Imagem

Os exames de imagem são imprescindíveis na clínica médica de pequenos animais. Por meio deles é possível elucidar casos clínicos, avaliar as estruturas dos órgãos em geral e definir prognósticos, bem como auxiliar na decisão da conduta medicamentosa a ser empregada no tratamento. Durante o ETP, foi possível acompanhar diversos exames (Tabela 3), além de ajudar na preparação, contenção e posicionamento dos animais para a sua realização.

Os exames de maior casuística foram a ultrassonografia abdominal, sendo realizados 40 em cães e 15 em felinos, seguido de radiografia de tórax, que totalizou 20 em caninos e 10 em felinos. Ambos são exames utilizados para avaliação geral do paciente, que podem ser empregados em check-up de rotina, bem como na avaliação pontual de alguma estrutura, além de serem exames de eleição na pesquisa de metástases em quadros neoplásicos e em casos clínicos ocasionados por trauma.

Tabela 3 – Exames de imagem acompanhados na rotina do HV-UPF durante o ETP em Medicina Veterinária durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.

Exames de imagem	Caninos	Felinos	Total	%
Ecocardiograma	5	z	5	3,97%
Eletrocardiograma	2	z	2	1,59%
Mielografia	3	z	3	2,38%
Radiografia de tórax	20	10	30	23,81%
Radiografia de pelve	6	1	7	5,56%
Radiografia de rádio/ulna	6	z	6	4,76%
Radiografia de tibia/fíbula	7	1	8	6,35%
Radiografia de crânio	1	4	5	3,97%
Radiografia de lombossacro	2	z	2	1,59%
Radiografia de dígitos	1	z	1	0,79%
Radiografia de coluna coccígea	1	z	1	0,79%

Radiografia toracolombar	1	z	1	0,79%
Ultrassonografia Abdominal	40	15	55	43,65%
Total	95	31	126	100,00%

Z = zero

3.2. Atividades Específicas

As atividades específicas representam as doenças acompanhadas durante o ETP, realizado no HV-UPF, descritas na Tabela 4. As afecções foram divididas de acordo com os sistemas e espécies acometidos. Foi possível acompanhar 70 afecções em caninos e 30 em felinos, sendo que as doenças de maior casuística foram as infectocontagiosas e parasitárias, que representaram 16 atendimentos em caninos e 11 em felinos, totalizando 27 casos.

Tabela 4 – Afecções acompanhadas, de acordo com o sistema acometido na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.

Sistemas acometidos	Caninos	Felinos	Total	%
Sistema Digestório e Glândulas Anexas	7	2	9	9,00%
Sistema Reprodutor	8	1	9	9,00%
Sistema Urinário	2	8	10	10,00%
Sistema Endócrino	3	z	3	3,00%
Sistema Musculoesquelético	13	1	14	14,00%
Sistema Neurológico	5	1	6	6,00%
Sistema Otológico	1	z	1	1,00%
Sistema Respiratório	4	5	9	9,00%
Sistema Oncológico	11	1	12	12,00%
Doenças Infectocontagiosas e Parasitárias	16	11	27	27,00%
Total	70	30	100	100,00%

Z = zero

3.2.1. Sistema Digestório e Glândulas Anexas

As afecções do sistema digestório e glândulas anexas representaram 9% da casuística de doenças acompanhadas durante o ETP (Tabela 5). A mais prevalente entre as afecções foi a gastroenterite, totalizando três dos nove casos acompanhados nesse sistema. Os pacientes

eram atendidos com queixa de vômito e diarreia, acompanhados de prostração, anorexia ou hiporexia. Ao exame físico, geralmente notava-se desconforto à palpação abdominal e desidratação. Nestes casos, eram solicitados US abdominal, hemograma completo e bioquímicos a fim de entender a causa primária do quadro.

A história clínica do paciente é importante, pois pode ajudar a estabelecer um diagnóstico e excluir prováveis causas. O diagnóstico pode ser realizado durante o exame físico e associado a exames complementares, como análise hematológica, bioquímica, exames de imagem e coprológicos (GONÇALVES e SILVA, 2015). E o tratamento deve ser baseado na causa base: de suporte nos casos agudos (GONÇALVES e SILVA, 2015). Já nos crônicos, pode envolver mudanças dietéticas no caso de hipersensibilidade alimentar e uso de imunossupressores na doença inflamatória intestinal (SILVA, 2015).

Tabela 5 - Afecções do sistema digestório e glândulas anexas acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.

Sistema Digestório e Glândulas Anexas	Caninos	Felinos	Total	%
Complexo gengivite-estomatite-faringite felino	z	1	1	11,11%
Dilatação vólculo-gástrica	1	z	1	11,11%
Gastrite aguda	1	1	2	22,22%
Gastroenterite infecciosa	3	z	3	33,33%
Pancreatite aguda	1	z	1	11,11%
Ruptura gástrica	1	z	1	11,11%
Total	7	2	9	100,00%

Z = zero

3.2.2. Sistema Reprodutor

As afecções do sistema reprodutor corresponderam a 9% (Tabela 6) das doenças acompanhadas durante o ETP. Foram atendidos nove casos, sendo um em felino, um em um canino macho e sete em caninas fêmeas, mostrando que a casuística em fêmeas foi maior. A doença mais prevalente foi a piometra, que correspondeu a 44,44% do total.

A piometra é uma afecção comum em fêmeas não castradas de meia-idade a idosas, mas pode ocorrer em qualquer idade (BERGSTROM, 2022). Trata-se de uma inflamação uterina com aglomerado de fluido purulento intraluminal que ocorre após o diestro da fêmea (SANTOS, NASCIMENTO, EDWARDS, 2016). Pode ser de cérvix aberta ou fechada; nos

casos de piometra aberta, há presença de secreção vulvar; já na piometra fechada, há retenção do exsudato no lúmen uterino, levando ao aumento de volume do útero (SANTOS, NASCIMENTO, EDWARDS, 2016).

Os sinais clínicos mais comuns são letargia, anorexia, depressão, poliúria, polidipsia, vômito, diarreia, perda de peso, presença de corrimento vulvar, aumento de volume abdominal e desidratação (SILVA, 2021).

O diagnóstico pode ser baseado na anamnese e exame físico, mas a ultrassonografia é o exame de escolha para um diagnóstico definitivo. Exames como hemograma e bioquímico são úteis para avaliar a condição sistêmica do paciente e para conduta terapêutica (OLIVEIRA, 2023).

O tratamento pode ser medicamentoso ou cirúrgico. O medicamentoso é utilizado quando há interesse reprodutivo animal por parte do tutor, sendo empregado o uso de antibioticoterapia e fármacos que reduzem a progesterona. O tratamento cirúrgico é por meio de ovariectomia, sendo mais indicado, visto que é um método definitivo e mais seguro (OLIVEIRA, 2023).

Tabela 6 – Afecções do sistema reprodutor acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.

Sistema Reprodutor	Caninos	Felinos	Total	%
Criptorquidismo	1	z	1	11,11%
Distocia	2	1	3	33,33%
Piometra aberta	2	z	2	22,22%
Piometra fechada	2	z	2	22,22%
Vaginite juvenil	1	z	1	11,11%
Total	8	1	9	100,00%

Z = zero

3.2.3. Sistema Urinário

As doenças do sistema urinário, descritas na tabela 7, totalizaram 10% dos atendimentos clínicos. A doença do trato urinário inferior felino (DTUIF) foi a mais frequente, sendo possível acompanhar sete casos em felinos machos. Esses casos representaram 70% da casuística clínica.

A doença do trato urinário inferior (DTUIF) é um dos problemas mais frequentes na

clínica de felinos. São diversas as origens de DTUIF, como cistite idiopática felina, urolitíases, tampões uretrais, anomalia anatômica, neoplasia, infecção e causas comportamentais (LITTLE, 2016).

Os sinais clínicos mais comuns são: polaciúria, disúria, estrangúria, hematória e periúria, apatia, vocalização e anúria. O diagnóstico se baseia no exame físico, anamnese e urinálise, podendo incluir ultrassonografia, radiografia, análise hematológica e bioquímica (LITTLE, 2016).

O tratamento depende da causa base, mas pode incluir mudança de manejo visando reduzir o estresse do felino, enriquecimento ambiental, aumento de ingestão de água e terapia medicamentosa e dietética (LITTLE, 2016).

Tabela 7 – Afecções do sistema urinário acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.

Sistema Urinário	Caninos	Felinos	Total	%
Doença Renal Crônica	2	z	2	20,00%
DTUIF obstrutiva	z	5	5	50,00%
DTUIF não obstrutiva	z	2	2	20,00%
Injúria Renal Aguda	z	1	1	10,00%
Total	2	8	10	100,00%

Z = zero

3.2.4. Sistema Endócrino

As afecções endócrinas acompanhadas estão descritas na Tabela 8. A doença que apresentou maior casuística foi o hiperadrenocorticismo, sendo dois casos em caninos, que totalizaram 66,67% das patologias.

O hiperadrenocorticismo (HAC) é a endocrinopatia mais comum em cães. É associado à produção excessiva de cortisol pela adrenal. A doença origina-se de tumor adrenal hiperfuncional ou tumor hipofisário. Pode ser classificado em hipófise dependente ou em iatrogênico (HLINICA, 2018). Os sinais clínicos mais comuns são: poliúria, polidipsia, polifagia, distensão abdominal, ofegância, letargia, alopecia e intolerância ao calor. O HAC pode causar complicações como hipertensão, tromboembolismo pulmonar, polineuropatia, diabetes melito, alterações comportamentais e cegueira (PIANA *et al.*, 2018).

O diagnóstico se baseia na anamnese e exame físico completo. Sendo necessário

investigação laboratorial, com hemograma, glicemia, dosagem sérica de colesterol, triglicerídeos, alanina aminotransferase (ALT), fosfatase alcalina (FA) e urinálise. Como exame de imagem pode ser solicitado ultrassonografia abdominal para a pesquisa de tumor ou hiperplasia adrenal. Testes de supressão com baixa dose de dexametasona ou teste de estimulação com ACTH também são indicados (HLINICA, 2018).

O tratamento nos casos de neoplasia adrenal é a adrenalectomia. Animais com tumores adrenais inoperáveis ou metástases podem iniciar terapia com mitotano ou trilostano (HLINICA, 2018).

Tabela 8 – Afecções do sistema endócrino acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.

Sistema Endócrino	Caninos	Felinos	Total	%
Diabetes Mellitus	1	z	1	33,33%
Hiperadrenocorticism	2	z	2	66,67%
Total	3	z	3	100,00%

Z = zero

3.2.5. Sistema Musculoesquelético

As afecções mais prevalentes do sistema musculoesquelético foram as fraturas. A tabela 9 descreve os casos acompanhados. Geralmente eram relacionadas a traumas ocasionados por acidentes automobilísticos ou quedas.

Os animais traumatizados eram avaliados conforme comorbidades sistêmicas, verificando sistemas fundamentais, como cardiovascular, pulmonar, neurológico e urinário. Após a avaliação e estabilização do paciente, bem como analgesia adequada, eram realizadas triagem ortopédica e radiografia.

Segundo Fossum (2021) o suporte temporário da fratura pode ser realizado quando há fraturas ou luxações abaixo do cotovelo e joelho, sendo utilizadas bandagens de tecido macio com ou sem suporte adicional. Já as fraturas acima do cotovelo e joelho são mais complicadas de serem reduzidas e a estabilização pode trazer malefícios para o paciente, sendo contraindicadas.

Após estabilizado, o animal era encaminhado para reparo cirúrgico. A técnica utilizada dependia do tipo e local da fratura.

Tabela 9 – Afecções do sistema musculoesquelético acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.

Sistema Musculoesquelético	Caninos	Felinos	Total	%
Fratura de rádio/ulna	2	z	2	14,29%
Fratura de atlas (C1)	1	z	1	7,14%
Fratura de tíbia	2	z	2	14,29%
Fratura de vértebra lombar	2	z	2	14,29%
Fratura de mandíbula	1	1	2	14,29%
Fratura de fíbula	1	z	1	7,14%
Luxação de rádio/ulna	1	z	1	7,14%
Necrose isquêmica da cabeça do fêmur	1	z	1	7,14%
Ruptura de ligamento cruzado anterior	1	z	1	7,14%
Subluxação de patela	1	z	1	7,14%
Total	13	1	14	100,00%

Z = zero

3.2.6. Sistema Otológico

Durante o ETP, foi possível acompanhar um caso de otite externa causado por *Malassezia spp.* em um canino (Tabela 10).

A otite externa é uma afecção bastante comum na rotina da medicina veterinária. É definida pela inflamação do conduto auditivo externo e pode ser aguda ou crônica. Pode afetar cães e gatos, sendo mais comum em cães com raças de orelhas compridas (FOSSUM, 2021).

Os sinais clínicos mais comuns são hiperemia, inflamação, prurido, secreção e dor no local (PERRY *et al.*, 2017).

O diagnóstico é realizado mediante análise do histórico do paciente, juntamente da anamnese, otoscopia, citologia auricular, cultura e antibiograma, podendo ser indicado biópsia e radiografia (MURPHY, 2001).

O tratamento da otite externa deve ser baseado nas causas primárias da doença, mas inclui a limpeza e secagem do ouvido, uso de medicações tópicas que contêm antibióticos, antifúngicos, anti-inflamatórios e parasiticidas, ou, sistêmicas, a base de antibioticoterapia (FOSSUM, 2021).

Tabela 10 – Afecções do sistema otológico acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.

Sistema Otológico	Caninos	Felinos	Total	%
Otite externa por <i>Malassezia spp.</i>	1	z	1	100,00%
Total	1	z	1	100,00%

Z = zero

3.2.7. Sistema Neurológico

A afecção mais observada do sistema neurológico foi a doença do disco intervertebral (DDIV) (Tabela 11), sendo acompanhados dois casos em caninos.

A DDIV é a doença medular mais frequente em cães. Os discos intervertebrais podem passar por processo de degeneração, ocasionando extrusão do núcleo pulposo (NP) ou protusão do anel fibroso (AF), que são classificadas como Hansen tipo I e Hansen tipo II, respectivamente (SELMÍ, 2023).

O diagnóstico é baseado no histórico do animal, exame físico e exame neurológico associado a exames de imagem. É indicado uso da radiografia simples da coluna, sendo ideal a sedação do paciente, visando posicionamento correto. A mielografia, tomografia computadorizada (TC) e ressonância magnética (RM) são exames de acurácia maior. Sendo a RM o exame de escolha, visto que não é invasivo, fornece imagens anatômicas melhores e possibilita excluir outras patologias que cursam de forma parecida (DEWEY, 2021).

Tabela 11 – Afecções neurológicas acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.

Sistema Neurológico	Caninos	Felinos	Total	%
DDIV	2	z	2	50,00%
TCE	z	1	1	25,00%
Vestibulopatia central secundária à otite média	1	z	1	25,00%
Total	3	1	4	100,00%

Z = zero

O tratamento pode ser clínico ou cirúrgico. O clínico é compreendido pela restrição de atividade, fisioterapia, analgésicos, anti-inflamatórios e acupuntura (SELMÍ, 2023). O cirúrgico é baseado na descompressão da medula espinal. As técnicas mais utilizadas na

coluna toracolombar são: hemilaminectomia e laminectomia dorsal (DEWEY, 2021).

3.2.8. Sistema Respiratório

Durante o ETP foi possível acompanhar nove casos referentes ao sistema respiratório. Destes, a asma foi a de maior prevalência, sendo dois casos em felinos, demonstrando 25% da casuística. A tabela 12 demonstra os casos acompanhados.

A asma felina se caracteriza pela inflamação do trato respiratório superior sem causa clara, podendo estar associada a fatores alérgicos (DECIAN, 2019).

Os gatos costumam apresentar tosse, sibilos, respiração ruidosa e respiração rápida. Pode estar presente a intolerância a exercícios físicos (LITTLE, 2016).

O diagnóstico deve ser realizado mediante informações adquiridas no exame físico, análise hematológica, radiografia de tórax, broncoscopia e lavagem broncoalveolar (JÚNIOR; CASSIANO, 2023). Pode ser incluída tomografia visando descartar outras afecções (DECIAN, 2019). No exame físico podem ser encontradas alterações durante a auscultação, como sibilos e crepitação. Além de tórax abaulado devido ao acúmulo de ar e reflexo de tosse positivo. O leucograma pode evidenciar eosinofilia e leucograma de estresse. No hemograma pode ter eritrocitose causada pela hipoxemia crônica (JÚNIOR; CASSIANO, 2023).

O tratamento visa reduzir a contração da musculatura lisa que é responsável pela broncoconstrição, para isso são utilizados broncodilatadores; além de controlar a inflamação das vias aéreas com uso de corticosteróides (LITTLE, 2016).

Tabela 12 – Afecções respiratórias acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.

Sistema Respiratório	Caninos	Felinos	Total	%
Bronquite aguda	1	2	3	37,50%
Contusão pulmonar	z	1	1	12,50%
Pneumonia aspirativa	z	1	1	12,50%
Pneumonia bacteriana	1	z	1	12,50%
Rinite supurativa séptica	1	z	1	12,50%
Traqueíte não infecciosa	1	z	1	12,50%
Total	4	4	8	100,00%

Z = zero

3.2.9. Sistema Oncológico

A tabela 13 representa as neoplasias acompanhadas durante o ETP. A neoplasia mamária foi a mais comum, sendo um carcinoma misto em um canino, um carcinoma simples em um canino e três casos de neoplasia mamária que não foram identificadas quanto ao tipo tumoral, visto que os tutores optaram não realizar exames complementares.

As neoplasias mamárias ocorrem com frequência em fêmeas caninas. Os tumores de glândula mamária têm causas desconhecidas, porém, alguns estão ligados à influência de hormônios, como estrógeno, progesterona e prolactina. Por isso a ovariectomia precoce diminui as chances de ocorrência (SANTOS; NASCIMENTO; EDWARDS, 2023). Outros fatores associados ao desenvolvimento de neoplasias mamárias são idade e raça (FOSSUM, 2021).

Os tumores podem ser classificados em benignos ou malignos. Em cães, os benignos geralmente são de origem mista, mesenquimais ou adenomas. Já os malignos podem ser carcinomas, sarcomas ou carcinosarcomas (FOSSUM, 2021).

O diagnóstico deve incluir exame físico, em que deve-se avaliar a presença de nódulos em toda a cadeia mamária, tamanho, consistência e forma; análise hematológica, bioquímica e de urina; ultrassonografia e radiografia para avaliar presença de metástases; a citologia por aspiração com agulha fina (CAAF), pode indicar se a formação é ou não neoplásica, identificar linfonodos suspeitos de metástases e tem como vantagens a rapidez e a simplicidade com que são realizados, também proporciona diagnósticos sugestivos do tipo tumoral. O padrão ouro para diagnóstico é a análise histopatológica. (BORREGO, 2022).

O tratamento de eleição é cirúrgico, exceto em carcinomas inflamatórios, devido sua alta agressividade, que resulta em metástases regionais e distantes precoces, além de incidência de recidiva regional. (BORREGO, 2022).

A excisão possibilita a análise histopatológica da massa tumoral, aumenta a chance de cura, promove qualidade de vida ou altera o curso da patologia. A técnica cirúrgica empregada baseia-se no tamanho do tumor, localização, consistência e estado geral do paciente. É importante que todas as massas sejam removidas (FOSSUM, 2021).

Ademais, podem ser empregados tratamentos quimioterápicos e radioterápicos adjuntos a cirurgia (BORREGO, 2022).

Tabela 13 – Afecções oncológicas acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo no período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.

Sistema Oncológico	Caninos	Felinos	Total	%
Adenocarcinoma nasal	1	z	1	8,33%
Carcinoma misto de mama	1	z	1	8,33%
Carcinoma simples mamário	1	z	1	8,33%
Leucemia linfoide	z	1	1	8,33%
Linfoma cutâneo epiteliotrópico	2	z	2	16,67%
Linfoma multicêntrico	z	1	1	8,33%
Neoplasia mamária*	3	z	3	25,00%
Neoplasia perianal*	1	z	1	8,33%
Sarcoma de tecidos moles	1	z	1	8,33%
Total	10	2	12	100,00%

(*) não foi realizado o exame histopatológico para confirmar o tipo neoplásico. Z = zero.

3.2.10. Afecções Infectocontagiosas e Parasitárias

As afecções infectocontagiosas foram as mais recorrentes durante o período de ETP. O Vírus da Leucemia Felina (FeLV) foi a afecção mais acompanhada, sendo oito casos em felinos, representando 29,63%.

O vírus da leucemia felina (FeLV), é um vírus RNA envelopado, pertencente ao gênero gammaretrovirus, da família Retroviridae (SYKES; HARTMANN, 2014). A infecção por FeLV pode levar ao comprometimento imunológico, desordens de medula óssea, leucemias linfoides e linfomas (SYKES; HARTMANN, 2014).

A transmissão da doença ocorre principalmente pela saliva. Pode ser transmitido de forma vertical, da mãe para o filhote, durante ou após o parto, pelo contato sanguíneo ou via aleitamento (FIGHERA, 2023). Outras formas de contágio acontecem pelo contato com urina, fezes e plasma infectado (DE ALMEIDA; SOARES; WARDINI, 2016).

A infecção pelo vírus da leucemia felina pode ser abortiva, regressiva, progressiva, focal ou atípica. A abortiva ocorre quando o felino saudável com sistema imunológico competente, é exposto a uma carga viral pequena e consegue interromper a replicação viral, neutralizando o vírus no início da infecção. A infecção regressiva acontece quando há uma resposta eficaz do sistema imune, capaz de suprimir a replicação viral antes da infecção significativa da medula. Nesse caso, o vírus torna-se parte do genoma, mas não há produção

viral ativa. A progressiva se dá a partir de uma resposta imune ineficaz em que se desenvolve a viremia persistente e doença associada ao vírus (SYKES; HARTMANN, 2014). A focal ou atípica é caracterizada por uma replicação viral atípica persistente, localizada em epitélios (glândula mamária, bexiga, baço e intestino delgado), mas não no sangue e na medula óssea (SYKES; HARTMANN, 2014).

Os sinais clínicos da doença estão relacionados à imunossupressão, tornando os felinos mais suscetíveis a infecções oportunistas. Os gatos infectados pelo FeLV podem desenvolver linfomas, leucemias, anemias, mielopatias e problemas reprodutivos (SYKES; HARTMANN, 2014).

O diagnóstico pode ser realizado a partir da detecção do antígeno viral p27, por meio do teste sorológico ELISA ou por imunofluorescência indireta (IFA). A Reação em cadeia da polimerase (PCR) também pode ser utilizada para detecção da atividade viral do FeLV, em e casos de animais doadores de sangue e quando há discordância entre o ELISA e o IFA (SYKES; HARTMANN, 2014).

A prevenção da doença pode ser realizada por intermédio da vacinação dos felinos, recomendada para todos os gatos não infectados, a partir dos oito meses, sendo realizadas duas doses com intervalo de 21-28 dias (DAY *et al.*, 2016).

Tabela 14 - Afecções infectocontagiosas e parasitárias acompanhadas na rotina de clínica médica de pequenos animais, durante o ETP no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo durante o período de 01 de agosto a 23 de outubro de 2023.

Doenças Infectocontagiosas e Parasitárias	Caninos	Felinos	Total	%
Cinomose	7	z	7	25,93%
Erliquiose	1	z	1	3,70%
FeLV	z	8	8	29,63%
FIV	z	3	3	11,11%
Giardíase	2	z	2	7,41%
Infestação por <i>Dipylidium caninum</i>	1	z	1	3,70%
Parvovirose	2	z	2	7,41%
Rangeliose	1	z	1	3,70%
Sarna Sarcóptica	1	z	1	3,70%
Traqueobronquite infecciosa	1	z	1	3,70%
Total	16	11	27	100,00%

Z = zero

4. RELATO DE CASO

COMPLEXO GENGIVITE-ESTOMATITE-FARINGITE FELINO – RELATO DE CASO

Fernanda Lucas Von Helden ¹

Heloísa Helena de Alcantara Barcellos ²

¹Graduando do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo

²Docente do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo

RESUMO

O complexo gengivite-estomatite-faringite felino (CGEFF) é uma afecção frequente na clínica médica desses animais. O CGEFF caracteriza-se por uma intensa inflamação da cavidade oral e gengiva. Afeta gatos em todas as faixas etárias, sendo mais comum em felinos com cerca de oito anos, e não apresenta predileção de raça ou sexo. Sua etiologia não está totalmente esclarecida, mas suspeita-se de causas variadas, como bactérias, vírus, alimentação, estresse, fatores genéticos e imunomediados. Os sinais clínicos mais comuns são: ptialismo, dor, inapetência, halitose, perda de peso e desidratação. O diagnóstico pode ser obtido por meio de exame físico, histórico do animal e exames complementares. A confirmação do diagnóstico se dá pela realização de biópsia e histopatológico. O tratamento pode ser medicamentoso, cirúrgico, ou ambos, no entanto, as terapêuticas disponíveis não são completamente eficazes. O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso de um felino, com quatro anos, que apresentava emagrecimento progressivo, disgafia, sialorreia, gengivite, estomatite e úlceras na cavidade oral, diagnosticado com complexo gengivite-estomatite-faringite. O diagnóstico foi realizado por meio de biópsia e histopatológico, e o tratamento instituído foi medicamentoso.

Palavras-chave: inflamação, oral, gengiva, diagnóstico, felinos.

INTRODUÇÃO

O complexo gengivite-estomatite-faringite felino (CGEFF) é uma afecção comum da cavidade oral dos gatos. O CGEFF se define por lesões inflamatórias na cavidade oral que podem se estender até as pregas palatoglosas. As regiões mais acometidas são as gengivas alveolares, labiais e bucais; a língua e região sublingual também podem ser afetadas. As lesões costumam ser bilaterais, ulceradas, proliferativas e podem ser friáveis (NIZA; MESTRINHO; VILELA, 2004; REITER, 2014).

A etiopatogenia da doença não está totalmente esclarecida. Porém, acredita-se que a causa seja multifatorial e imunomediada. Agentes etiológicos, como vírus, bactérias e fatores imunológicos podem estar envolvidos. Dentre os vírus, destacam-se o calicivírus felino (CVF), herpesvírus felino (HV-1), o vírus da leucemia felina (FeLV) e o vírus da imunodeficiência felina (FIV). Suspeita-se que alguns animais desenvolvem reação exacerbada contra a flora bacteriana oral ou resposta imunológica deficiente aos antígenos presentes na cavidade. Outros fatores não infecciosos foram descritos como condições ambientais, manejo, genética, hipersensibilidade alimentar e fatores locais como reabsorção dentária e doença periodontal (NIZA; MESTRINHO; VILELA, 2004; LEE; VERSTRAETE; ARZI, 2020).

O CGEFF não demonstra predileção de gênero e raça. Porém, raças como Siamês, Abissínio, Persa, Himalaio e Birmanes podem manifestar uma forma mais severa da doença. A idade média de ocorrência é de oito anos de idade, mas pode acometer felinos em qualquer faixa etária. Naqueles mais jovens ou mais velhos as lesões tendem a ter potencial de gravidade maior (MATILDE *et al.*, 2013; ROLIM *et al.*, 2017).

Os sinais clínicos incluem dor, vocalização, halitose, ptialismo, disfagia, anorexia, perda de peso, desidratação, dificuldade de se higienizar e, às vezes, linfadenopatia mandibular (NIZA; MESTRINHO; VILELA, 2004; REITER, 2014).

O diagnóstico se baseia na anamnese associada ao exame clínico da cavidade oral, em que se identifica a inflamação característica e a presença de lesões em tecidos orais. Também é indicado biópsia e histopatológico para confirmação do diagnóstico. Análise hematológica e bioquímica sérica, sorologia para FIV e FeLV devem ser solicitados, pois permitem avaliar as condições gerais do paciente, bem como excluir doenças sistêmicas (GRACIS *et al.*, 2018).

O tratamento pode ser medicamentoso, cirúrgico ou ambos. O manejo da dor deve ser incluído independente da abordagem escolhida. Medicamentos opióides, como buprenorfina associados a gabapentina podem ser utilizados (LEE; VERSTRAETE; ARZI, 2020).

Primeiramente deve-se realizar o tratamento periodontal completo, com limpeza e exodontia dos dentes lesionados ou com reabsorção dentária, visando diminuir o contato com antígenos bacterianos. Antibioticoterapia deve ser associada devido ao possível envolvimento bacteriano. Tendo em vista que o CGEFF tem causas imunomediadas, o tratamento com imunossupressores também é indicado. Além disso, o tutor deve realizar a limpeza diária dos dentes, por meio de escovação ou uso de antissépticos. Dietas hipoalergênicas comerciais ou caseiras que reduzem a formação de cálculos dentários são indicadas. O tratamento cirúrgico visa a extração total ou parcial dos dentes, sendo indicada por alguns autores como primeira opção, ou em casos em que somente as medicações não são suficientes e há recidiva do quadro clínico (NIZA; MESTRINHO; VILELA, 2004; LEE; VERSTRAETE; ARZI, 2020).

RELATO DE CASO

Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo (HV-UPF), um felino, fêmea, sem raça definida (SRD), de quatro anos de idade, castrada, pesando 2,6 kg, FeLV positiva, vacinada e sem presença de ectoparasitas.

A queixa principal da tutora era a de que o animal estava apresentando emagrecimento progressivo há cerca de quatro meses. Além disso, não estava se alimentando há um dia e encontrava-se indisposta. A responsável relatou que a paciente já havia passado por consulta em uma clínica veterinária, onde teve diagnóstico de gengivite estomatite e foi realizada a administração de cefovecina sódica. A paciente demonstrou melhora temporária, mas o quadro clínico voltou a piorar, foram utilizados outros tratamentos, no entanto a tutora não soube informar as medicações empregadas.

No exame físico, constatou-se disfagia e sialorreia. Na cavidade oral, mucosas normocoradas e pegajosas, além de intensa gengivite e estomatite, presença de úlceras próximas aos dentes molares e na mucosa lingual, além de linfonodos mandibulares aumentados. Frequência cardíaca (FC) em 230 bpm, frequência respiratória (FR) em 36 mrp, tempo de preenchimento capilar (TPC) de dois segundos, temperatura retal de 38,6 °C, pulso regular, desidratação moderada e escore corporal 2 (subpeso). Tendo em vista o quadro clínico da paciente, a Médica Veterinária recomendou a internação do animal para realização de exames complementares e suporte nutricional.

Foram realizados os exames complementares: hemograma completo (Anexo 2); análise sérica de bioquímicos (Albumina, ALT, Creatinina, GGT, Glicose e Ureia). Ademais, solicitou-se biópsia das lesões. Para isso, a paciente foi submetida a sedação, através de

acesso intravenoso, como protocolo utilizou-se propofol 0,2 mg/kg e fentanil 2,5 ug/kg; foram coletados dois fragmentos teciduais provenientes de cavidade oral medindo 1,5x0,8 cm e 1,5x1,2 cm, que, posteriormente, foram encaminhados para análise histopatológica. Além disso, optou-se pela colocação de sonda de esofagostomia visando prover suporte nutricional adequado ao animal.

A análise hematológica mostrou as seguintes alterações: trombocitopenia; hiperproteinemia e metarrubricitose. O leucograma demonstrou neutrofilia com desvio à esquerda regenerativo, discreta monocitose, eosinopenia e presença de neutrófilos tóxicos. Já os achados bioquímicos foram hiperglicemia, discreta hipoalbuminemia e hipouremia (Anexo 3).

Os achados histopatológicos (Anexo 4) foram compatíveis com complexo gengivite-estomatite-faringite felino (CGEFF).

Após o diagnóstico, foi instituído tratamento com cefalotina 20 mg/kg/IV/TID, dipirona sódica 0,6 mg/kg/IV/TID, metilprednisolona sódica 1 mg/kg/IV/BID, citrato de maropitant 1 mg/kg/IV/SID, omeprazol 0,5 mg/kg/IV/SID e metadona 0,1 mg/kg/SC/TID. Além de alimentação via sonda, fluidoterapia com ringer com lactato de sódio (338 ml – 14 ml/h) curativos diários e limpeza da sonda com solução fisiológica 0,9% e rifamicina tópica. Também foi recomendado extração dentária visando diminuir as chances de recidiva da gengivite.

Foi realizado um novo hemograma (Anexo 5), no qual evidenciou-se anemia normocítica hipocrômica, anisocitose e trombocitopenia. O leucograma mostrou neutrofilia com desvio à esquerda regenerativo, eosinopenia e neutrófilos tóxicos. Também foi realizado um esfregaço sanguíneo que evidenciou hemocitozoários. Dessa forma, foi introduzido clorambucila, via oral, 2 mg/m² a cada 48 horas.

A paciente respondeu bem ao tratamento medicamentoso, porém, teve complicações relacionadas a sonda de alimentação, em que houve a formação de uma fístula em região esofágica. Sugeriu-se reparo cirúrgico da fístula, mas a tutora optou por não realizar o procedimento. Assim, recomendou-se a suspensão da antibioticoterapia com cefalotina e iniciou-se terapia medicamentosa com metronidazol 15 mg/kg/IV/BID e doxiciclina 5 mg/kg/VO/BID. Ainda, devido a fístula, foi removida a sonda esofágica, e realizada a passagem de sonda nasogástrica.

Após alguns dias a paciente veio a óbito por parada cardiorrespiratória.

DISCUSSÃO

O complexo gengivite-estomatite-faringite é uma afecção comum observada em felinos, e não há predileção de gênero ou raça, pode acometer felinos em qualquer faixa etária (Rolim *et al.* (2017); Matilde *et al.* (2013), entretanto o relato é sobre uma gata sem raça definida, com quatro anos de idade.

Os sinais clínicos apresentados neste caso foram semelhantes aos descritos por Reiter (2014), tais como: emagrecimento progressivo, indisposição, anorexia, disfagia, sialorreia e desidratação.

A inflamação oral costuma ser extensa e os tecidos acometidos são caracteristicamente ulcerados, proliferativos e hiperêmicos (Rolim *et al.*, 2017), em concordância com o que foi observado na paciente, a qual apresentou intensa gengivite e estomatite, lesões ulceradas próximas aos dentes molares e na mucosa lingual.

O diagnóstico deve ser baseado na anamnese juntamente do exame clínico e exames complementares, como hemograma, bioquímicos, análises sorológicas e virológicas de agentes virais como calicivírus Felino (CVF), herpesvírus Felino tipo 1 (HVF-1), FIV e FeLV, além de biópsia e histopatológico para confirmação do diagnóstico (GRACIS *et al.*, 2018; NIZA, MESTRINHO, VILELA, 2004).

Nesse caso, já havia sido realizada sorologia para FIV e FeLV em outra clínica veterinária, na qual a paciente demonstrou-se positiva para FeLV. No HV-UPF foram realizados hemograma e bioquímicos. No hemograma, evidenciou-se trombocitopenia, achado provavelmente relacionado ao Vírus da Leucemia Felina, que causa alterações plaquetárias, como diminuição da produção de plaquetas por imunossupressão da medula óssea ou trombocitopenia imunomediada (HARTMANN, 2012); hiperproteïnemia, que acomete cerca de metade dos gatos com CGEFF, devido à hipergamaglobulinemia (NIZA, MESTRINHO, VILELA, 2004). O leucograma demonstrou neutrofilia com desvio à esquerda regenerativo, discreta monocitose, eosinopenia e presença de neutrófilos tóxicos, indicando processo inflamatório agudo. Os achados bioquímicos foram hiperglicemia, que segundo Moraes *et al.* (2011) pode ter correlação com o estresse e ser transitória. A hipoalbuminemia nesse caso pode estar relacionada a dano hepático crônico, déficit de proteínas ou deficiências alimentares em geral (TRALL, 2007). Já a hipouremia pode ser causada por fatores relacionados à inibição de sua produção, como dieta pobre em proteínas ou por problemas hepáticos, como a insuficiência hepatocelular (WILLARD; TVEDTEN; TURNWALD, 1994). Barbosa *et al.* (2018) sugere que felinos com CGEFF podem apresentar aumento de ALT e

FA, neste caso não foram evidenciadas alterações.

Conforme indicado na literatura, foi realizado biópsia e histopatológico das lesões, assim, confirmou-se o diagnóstico do complexo gengivite-estomatite-faringite felino.

Não existe tratamento completamente eficaz para CGEFF, os protocolos terapêuticos visam melhorar a qualidade de vida do paciente e evitar recidivas. As abordagens podem ser medicamentosas, cirúrgicas ou ambas (SONTAG; RUBIO, 2017). Devido ao envolvimento bacteriano, Sontag e Rubio (2017) recomendam o uso de antibioticoterapia, com amoxicilina com clavulanato ou doxiciclina ou metronidazol ou cefalexina. Inicialmente, o antibiótico de escolha para o felino do relato foi a cefalotina, entretanto, após alguns dias trocou-se para metronidazol e doxiciclina. O uso da doxiciclina foi empregado devido à presença de hemocitozoários num esfregaço sanguíneo. Como citado por Lee, Verstraete e Arzi (2020) o manejo da dor é importante, para isso são comumente utilizados os opióides. Nesse caso, foi prescrito metadona e dipirona. Segundo Niza, Mestrinho e Vilela (2004) a terapia com corticosteróides em doses de 1 a 2 mg/kg pode ser benéfica devido ao componente imunomediado do CGEFF. Tendo isso em vista, foi administrado metilprednisolona sódica.

Foi necessário também utilizar clorambucil como imunossupressor, como recomendam Allemand, Radighieri e Bearl (2014), pois a paciente apresentava inflamação oral refratária a tratamentos utilizados anteriormente. Poderia ter sido utilizada ciclofosfamida, como recomendam também os autores acima, no entanto foi empregado o clorambucil devido à menor toxicidade e efeitos colaterais. O uso da ciclofosfamida pode provocar êmese, diarreia, anorexia, mielossupressão e cistite hemorrágica (SILVA *et al.*, 2020). A utilização dos imunossupressores consiste em suprimir ou modular a função imunológica através de mecanismos diversos, sendo indicada em casos em que há recidiva do quadro ou inflamação oral refratária (HOFFMAN-APOLLO; CARVALHO; GIOSOS, 2010).

A paciente respondeu bem ao tratamento medicamentoso. Porém, ainda havia recomendação para instituir tratamento cirúrgico, visando a remoção completa dos dentes molares e pré-molares. Essa abordagem demonstra melhora em 70-80% dos quadros a longo prazo, e é considerada a primeira linha de tratamento atualmente (LEE; VERSTRAETE; ARZI, 2020). Apesar disso, a tutora optou por não realizá-lo. Posteriormente, a paciente veio a óbito devido a uma parada cardiorrespiratória.

O óbito em felinos com CGEFF geralmente não é causado diretamente pela condição em si, mas pode ocorrer por complicações decorrentes à dificuldade em se alimentar adequadamente, que leva a estados de desidratação e subnutrição ou caquexia. Esses estados, por sua vez, são associados ao aumento da morbidade e mortalidade dos pacientes, pois

podem gerar alterações no metabolismo de energia, comprometimento da função imunológica, diminuição da cicatrização de feridas, aumento da permeabilidade intestinal, predispor à ocorrência de infecção de feridas e septicemia, fraqueza muscular (cardíaca, lisa e esquelética), lipidose hepática, falência de órgãos e óbito. Dessa forma, é importante instituir suporte nutricional enteral ou parenteral. O suporte enteral é preferível ao parenteral, por se tratar de uma técnica mais próxima do fisiológico, em que há participação do trato digestório (FERREIRA *et al.*, 2017).

No caso descrito, primeiramente, foi utilizada a sonda esofágica. A sonda esofágica é útil e eficaz em prover suporte nutricional. Segundo Ferreira *et al.* (2017) as complicações relacionadas ao seu uso não são comuns, no entanto, quando ocorrem, estão associadas à infecção do campo operatório, edema de face por pressão exercida pela bandagem, esofagite, aspiração de alimento, obstrução das vias aéreas superiores, disfagia, vômito e gastrite. Posteriormente, foi necessária a troca da sonda esofágica para nasogástrica, devido à ocorrência de uma fístula em região de esôfago. As complicações associadas ao seu uso incluem obstrução devido seu pequeno calibre, remoção pelo próprio animal, epífora, atraso no esvaziamento gástrico, aspiração, vômitos, diarreia, hipocalcemia e problemas nasais e faríngeos relacionadas ao uso prolongado (FERREIRA *et al.*, 2017).

O complexo gengivite-estomatite-faringite felino trata-se de uma doença multifatorial e de etiologia não esclarecida, devido a isso, não existe profilaxia para o CGEFF. No entanto, a higienização diária dos dentes realizada pelo proprietário pode contribuir para redução do acúmulo bacteriano. O manejo nutricional associado a outros protocolos terapêuticos, também pode ser útil (HOFMANN-APPOLLO; CARVALHO; GIOSOS, 2010). Outros aspectos que podem auxiliar no controle são o enriquecimento e manejo ambiental. Para isso, o comprometimento e dedicação do tutor são fundamentais (PEREGO *et al.*, 2020).

CONCLUSÃO

O complexo gengivite-estomatite-faringite felino é uma doença comum em gatos, de etiologia pouco conclusiva, caráter crônico e prognóstico reservado. Seu tratamento é individualizado, variando de animal para animal, visto que em muitos casos não há resposta às terapias disponíveis. No caso descrito foi utilizada a terapia medicamentosa e sugerido exodontia dos dentes pré-molares e molares.

A combinação de abordagens clínicas e cirúrgicas tem sido utilizada para resolução dos casos. Considerando que o CGEFF pode ser de difícil resolução, o tratamento deve visar a

qualidade de vida dos animais acometidos.

Ademais, é imprescindível que os tutores compreendam a complexidade do quadro, para estabelecer a melhor abordagem terapêutica para o paciente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio técnico profissional (ETP) foi um período essencial para crescimento pessoal e profissional, no qual foi possível vivenciar diversas experiências da rotina do médico veterinário, desde o atendimento até a alta do paciente. Durante esse período, também foi possível presenciar situações adversas, que demonstraram como manter a postura ética profissional e a conduta correta de acordo com o caso apresentado, além de aprimorar o contato com os tutores e pacientes. Ademais, o ETP é de extrema importância para o aluno, visto que permite colocar em prática todo conhecimento teórico, tornando possível aperfeiçoar as habilidades práticas e ser preparado para o mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEMAND, Vanice Correto Dutra; RADIGHIERI, Ricardo; BEARL, Carla Alice. Gengivite-estomatite linfoplasmocitária felina: relato de caso. *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 24-29, 2013.

BARBOSA, Renee Cristine Carvalho *et al.* Aspectos clínicos e laboratoriais do complexo gengivite-estomatite em gatos domésticos. *Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia*, v. 70, p. 1784-1792, 2018.

BERGSTROM, Annika. In: ETTINGER, Stephen J.; FELDMAN, Edward C.; CÔTÉ, Etienne. *Tratado de Medicina Veterinária: Doenças do Cão e do Gato*. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 8. ed., p. 1900-1902, 2022.

BORREGO, Juan F. In: ETTINGER, Stephen J.; FELDMAN, Edward C.; CÔTÉ, Etienne. *Tratado de Medicina Veterinária: Doenças do Cão e do Gato*. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2022. 8. ed., p. 2152-2154.

DAY, M. J. *et al.* Diretrizes para a vacinação de cães e gatos. *Journal of Small Animal Practice*, v. 57, p. 699-706, 2016.

DE ALMEIDA, Nádia Rossi; DE CASTRO SOARES, Lidiane; WARDINI, Amanda Brito Wardini. Alterações clínicas e hematológicas em gatos domésticos naturalmente infectados pelo Vírus da Leucemia Felina (FeLV). *Revista de Saúde*, v. 7, n. 1, p. 27-32, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rs.v7i1.85>. Acesso em: 29 out. 2023.

DECIAN, Angela. Asma e bronquite crônica em gatos domésticos. 2019. Monografia (Especialização em Clínica Médica de Felinos Domésticos) – Curso de Veterinária – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/200184>. Acesso em: 27 out. 2023.

DEWEY, C. Cirurgia da coluna toracolombar. In: FOSSUM, T. W. *Cirurgia de Pequenos Animais*. 5. ed. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2021. Cap. 41, p. 1403-1425.

DEWEY, C. Cirurgia da coluna cervical. In: FOSSUM, T. W. Cirurgia de Pequenos Animais. 5º ed. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2021. Cap. 41, p. 1364-1403.

DE FREITAS FERREIRA, Vanessa *et al.* Nutrição clínica de cães hospitalizados: Revisão. **Pubvet**, v. 11, p. 840-946, 2017.

FIGHERA, Rafael Almeida. In: SANTOS, Renato de Lima; ALESSI, Antônio Carlos. Patologia veterinária. São Paulo: Roca, 2023. v. 3, p. 456-458.

FOSSUM, Theresa W. Cirurgia de Pequenos Animais. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 5. ed., 2021. p. 312-314.

FOSSUM, Theresa W. Cirurgia de Pequenos Animais. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 5. ed., 2021. p. 975-983.

FOSSUM, Theresa W. Cirurgia de Pequenos Animais. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 5. ed., 2021. p. 746-748.

GONÇALVES, Luciana Peralta Silva; SILVA, Ricardo Duarte. In: JERICÓ, Márcia Marques; NETO, João Pedro de Andrade; KOGIKA, Márcia Mery. Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos. Rio de Janeiro: Roca, 2015. ed. 1, p. 976-980.

GRACIS, M.; REITER, A. M.; ORDEIX, L. Management of selected non-periodontal inflammatory, infectious and reactive conditions. In: REITER, A. M.; GRACIS, M. Dentistry and Oral Surgery: BSAVA Manual of Canine and Feline. 4. ed. Quedgeley, UK: British Small Animal Veterinary Association, 2018. p. 172-180.

HARTMANN, Katrin. Clinical aspects of feline retroviruses: a review. *Viruses*, v. 4, n. 11, p. 2684-2710, 2012. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1999-4915/4/11/2684>. Acesso em: 07 nov. 2023.

HLINICA, Keith A. Dermatologia de Pequenos Animais. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 4. ed., 2018. p. 311.

HOFMANN-APPOLLO, Fernanda; CARVALHO, Vanessa Graciela Gomes; GIOSO, Marco Antonio. Complexo gengivite-estomatite-faringite dos felinos. *Clínica Veterinária*, v. 15, n.

84, p. 44-52, 2010.

JÚNIOR, Archivaldo Reche; CASSIANO, Fabiana Cecília. In: JERICÓ, Márcia M.; NETO, João Pedro de A.; KOGIKA, Márcia M. Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2. ed., 2023. p. 1370-1373.

LEE, D. B.; VERSTRAETE, F. J. M.; ARZI, B. An Update on Feline Chronic Gingivostomatitis. *Vet Clin North Am Small Anim Pract*, v. 50, n. 5, p. 973-982, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2020.04.002>. Acesso em: 31 out. 2023.

LITTLE, Susan E. O Gato - Medicina Interna. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 1. ed., 2016. p. 943-954.

LITTLE, Susan E. O Gato - Medicina Interna. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 1. ed., 2016. p. 833-840.

MATILDE, K. S. *et al.* Feline gingivitis-stomatitis complex: a review/Complexo gengivite estomatite felina: revisão de literatura/Complejo gingivitis-estomatites felina: revisión de la literatura. *Veterinária e Zootecnia*, v. 20, n. 2, p. 160–171, 2013.

MORAES, Livia Fagundes; THOMAZINI, Camila Martos; TAKAHIRA, Regina Kiomi; CARVALHO, Lídia Raquel de. Avaliação dos níveis de frutossamina em gatos sob estresse agudo e crônico. *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*, v. 48, p. 419-424, 2011.

MURPHY, K. M. A review of techniques for the investigation of otitis externa and otitis media. *Clinical Techniques in Small Animal Practice*, v. 16, n. 4, p. 236-241, 2001.

NIZA, M. M. R. E.; MESTRINHO, L. A.; VILELA, C. L. Gengivo-estomatite crônica felina - um desafio clínico. *Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias*, v. 99, n. 551, p. 127-135, 2004.

O'BRIEN, Dennis P.; COATES, Joan R. In: ETTINGER, Stephen J.; FELDMAN, Edward C.; CÔTÉ, Etienne. Tratado de Medicina Veterinária: Doenças do Cão e do Gato. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 8. ed., 2022. p. 1442-1445.

OLIVEIRA, Clair Motos de. In: JERICÓ, Márcia M.; NETO, João Pedro de A.; KOGIKA, Márcia M. Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2. ed., 2023. p. 1662-1664.

PEREGO, E. S.; ESCOBAR, H.; SANTOS, D. S.; SOMMAVILLA, R. Complexo de gengivo-estomatite felina - revisão literária. Brazilian Journal of Animal and Environmental Research, v. 3, n. 4, p. 4014–4021, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJAER/article/view/21204>. Acesso em: 15 nov. 2023.

PERRY, Laura R. *et al.* Epidemiological study of dogs with otitis externa in Cape Breton, Nova Scotia. The Canadian Veterinary Journal, v. 58, n. 2, p. 168, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5234316>. Acesso em: 27 out. 2023.

PIANA, I. N. P.; GAZZONE, A. C.; YAMAGUCHI, L. S.; PALUMBO, M. I. P.; BABOTERRA, V. J. Hiperadrenocorticism e diabetes melito em um cão. Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://famez.ufms.br/files/2015/09/HIPERADRENOCORTICISMO-E-DIABETESMELITO-EM-UM-C%C3%83O.pdf>. Acesso em: 27 out. 2023.

REITER, A. M. Oral inflammatory and ulcerative disease in small animals. MSD Veterinary Manual. Kenilworth, NJ, USA: MSD, 2014.

ROLIM, Veronica Machado *et al.* Clinical, pathological, immunohistochemical and molecular characterization of feline chronic gingivostomatitis. Journal of Feline Medicine and Surgery, v. 19, n. 4, p. 403-409, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1098612X16628578>. Acesso em: 31 out. 2023.

SANTOS, Renato de Lima; NASCIMENTO, Ernane Fagundes; EDWARDS, John F. In: SANTOS, Renato de Lima; ALESSI, Antônio Carlos. Patologia veterinária. São Paulo: Roca, 2016. v. 2, p. 780-785.

SANTOS, Renato de Lima; NASCIMENTO, Ernane Fagundes do; EDWARDS, John F. In: SANTOS, Renato de L.; ALESSI, Antonio C. Patologia Veterinária. Rio de Janeiro: Grupo

GEN, 3. ed., 2023. p. 916.

SELMI, André Luis. In: JERICÓ, Márcia M.; NETO, João Pedro de A.; KOGIKA, Márcia M. Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos. 2. ed. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2023. p. 2325-2330.

SILVA, João Vitor Amorim Rodrigues. Complexo hiperplasia endometrial cística associada à piometra em cadela: relato de caso. 2021. Disponível em: <https://dspace.uniceplac.edu.br/handle/123456789/615>. Acesso em: 26 de outubro de 2023.

SILVA, T. F.; AMARAL, A. V. C. do; FERRAZ, H. T.; LOPES, D. T.; BRAGA, Ísis A.; SATURNINO, K. C.; ROMANI, A. F.; RAMOS, D. G. de S. Comparação de tratamentos quimioterápicos em felino com vírus da leucemia felina (FELV) / Comparison of chemotherapy treatments in feline with feline leukaemia virus (FELV). Brazilian Journal of Health Review, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 4135–4148, 2020. DOI: 10.34119/bjhrv3n3-020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/9660>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SONTAG, S. C.; RUBIO, K. A. J. Complexo Gengivite Estomatite Felina: Revisão Sistemática dos Tratamentos. Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública, v. 4, p. 064-068, 2017.

SYKES, Jane E.; HARTMANN, Katrin. Feline leukemia virus infection. In: CANINE and FELINE INFECTIOUS DISEASES. p. 224, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7152252/>. Acesso em: 30 out. 2023.

THRALL, M. A. Hematologia e bioquímica clínica veterinária. São Paulo: Roca, 2007. 592 p.

WILLARD, M. D.; TVEDTEN, H.; TURNWALD, G. H. Small animal clinical diagnosis by laboratory methods. 2. ed. Philadelphia: Saunders, 1994. 377 p.

ANEXOS

Anexo 1 – Atestado de realização de horas referente ao Estágio Técnico Profissional em Medicina Veterinária na área de Clínica Médica de Pequenos Animais, realizado no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo, sendo emitido pelo HV-UPF.

UPF - PROPLAN
 UPF
DIVISÃO DE GESTÃO DE PESSOAS
SEÇÃO DE GESTÃO DE PESSOAS
SETOR ADMINISTRATIVO - SGF

Atestado de Estagiário
31/10/2023
08:18:21
Página 1 de 1

ATESTADO

Atestamos que FERNANDA LUCAS VON HELDEN portador(a) da Carteira de Identidade número 1119050795/SSPRS, foi estagiário(a) junto ao(a) SETOR SERVIÇOS CLÍNICOS E AMBULATORIAL - PEQUENOS ANIMAIS, no período de 01/08/2023 a 23/10/2023, totalizando 432 horas de estágio, onde desenvolveu as seguintes atividades:

- >> Auxiliar nos atendimentos clínicos de pequenos animais;
- >> Auxiliar nos procedimentos cirúrgicos de pequenos animais;
- >> Auxiliar nas coletas e remessas de materiais para os laboratórios de suporte;
- >> Auxiliar na contenção e acompanhamento dos pacientes no Setor de Diagnóstico por Imagem;
- >> Auxiliar nos tratamentos dos pacientes internos.

Passo Fundo, 31 de Outubro de 2023.


Debora Brandão Pasinato,
Gerente Div. Gestão De Pessoas.

Fonte: Divisão de Gestão de Pessoas/UPF, 2022.

Anexo 2 – Hemograma felino, solicitado à paciente descrita no relato de caso.

HEMOGRAMA FELINO

ERITROGRAMA

Eritrócitos ($\times 10^6/\mu\text{L}$):	6,70	(5,0-10,0)	Plaquetas ($\times 10^3/\mu\text{L}$):	75*	(300 a 800)
Hemoglobina (g/dL):	10,1	(8,0 a 15,0)	<input type="checkbox"/> fibrina <input type="checkbox"/> agregação plaquetária		
Hematócrito (%):	32	(24 a 45)	Proteína plasmática total (g/dL):	10,0	(6,0 a 8,0)
VCM (fL):	47,76	(40 a 60)	Metarrubricitos: (/100 leucócitos):05		
CHCM (%):	31,56	(31 a 35)			

LEUCOGRAMA

Leucócitos totais ($/\mu\text{L}$):10.700			(5.500 a 19.500)
	RELATIVO (%)	ABSOLUTO ($/\mu\text{L}$)	
Mielócitos			(zero)
Metamielócitos	02	214	(zero)
N. Bastonados	11	1.177	(0 a 300)
N. Segmentados	41	4.387	(2.500 a 12.500)
Eosinófilos	00	00	(100 a 1.500)
Basófilos	00	00	(raros)
Linfócitos	38	4.066	(1.500 a 7.000)
Monócitos	08	865	(0 a 850)

Morfologia e observações adicionais

LEUCÓCITOS		ERITRÓCITOS	
Neutrófilos tóxicos: <input type="checkbox"/> 1+ <input checked="" type="checkbox"/> 2+ <input type="checkbox"/> 3+	<input type="checkbox"/> Neutrófilos hipersegmentados	Policromasia: <input type="checkbox"/> 1+ <input type="checkbox"/> 2+ <input type="checkbox"/> 3+	Anisocitose: <input type="checkbox"/> 1+ <input type="checkbox"/> 2+ <input type="checkbox"/> 3+
Linfócitos reativos: <input type="checkbox"/> 1+ <input type="checkbox"/> 2+ <input type="checkbox"/> 3+	Monócitos ativados: <input type="checkbox"/> 1+ <input type="checkbox"/> 2+ <input type="checkbox"/> 3+	Hipocromia: <input type="checkbox"/> 1+ <input type="checkbox"/> 2+ <input type="checkbox"/> 3+	<input type="checkbox"/> Corpúsculos de Howell-Jolly
Morfologia e observações adicionais			
		<input type="checkbox"/> CONTAGEM DE RETICULÓCITOS CORRIGIDA (%):	
		<input type="checkbox"/> FIBRINOGENIO (g/L):	(0,5 a 3)

Observações: icterico hemolisado lipêmico levemente intensamente * RESULTADOS REPETIDOS E CONFIRMADOS
 Outras obs.:

Fonte: Universidade de Passo Fundo, 2023.

Anexo 3 – Bioquímica sérica de paciente felino com complexo gengivite-estomatite-faringite descrita no relato.

<input checked="" type="checkbox"/> Albumina: 20,20 (21-33 g/L)	<input type="checkbox"/> Fósforo: (4,5-8,1 mg/dL)
<input checked="" type="checkbox"/> ALT: 39,0 (< 83 U/L)	<input type="checkbox"/> Frutosamina: (219-347 µmol/L)
<input type="checkbox"/> Amilase total: (< 500 U/L)	<input checked="" type="checkbox"/> GGT: <1,0 (< 8 U/L)
<input type="checkbox"/> AST: (< 43 U/L)	<input checked="" type="checkbox"/> Glicose: 199,0 (73-160 mg/dL)
<input type="checkbox"/> Bilirrubina total: (<0,5 mg/dL)	<input type="checkbox"/> Globulinas: (27-50 g/L)
<input type="checkbox"/> Bilirrubina direta: (<0,1mg/dL)	<input type="checkbox"/> Lipase (0-83 U/L)
<input type="checkbox"/> Cálcio: (6,2-10,2 mg/dL)	<input type="checkbox"/> Potássio: (3,0-4,8 mmol/L)
<input type="checkbox"/> Colesterol T: (74-130 g/dL)	<input type="checkbox"/> Proteína total: (54-78 g/L)
<input type="checkbox"/> CK: (< 125 U/L)	<input type="checkbox"/> Triglicerídeos: (50-100 mg/dL)
<input checked="" type="checkbox"/> Creatinina: 0,83 (0,8-1,8 mg/dL)	<input checked="" type="checkbox"/> Uréia: 37,0 (43-64 mg/dL)
<input type="checkbox"/> FA: (< 93 U/L)	<input type="checkbox"/> Lactato: (0,5-2,0 mmol/L)

Fonte: Universidade de Passo Fundo, 2023.

Anexo 4 – Laudo histopatológico, solicitado à paciente descrita no relato.

HISTOPATOLÓGICO

Data de entrada no laboratório: 21/09/2023
 Material enviado para análise: tecido oral
 Histórico clínico referido pelo M. V. solicitante: não informado
 Observações: ----

MACROSCOPIA: recebidos dois fragmentos teciduais provenientes de cavidade oral medindo 1,5x0,8 cm e 1,5x1,2 cm. Exibem formato indefinido, consistência elástica e coloração brancacenta com focos acastanhados.

MICROSCOPIA/DIAGNÓSTICO MORFOLÓGICO: da amostra analisada evidencia-se tecido composto por ácinos mucosos rodeados por inflamação crônica supurativa acentuada por vezes associada a presença de células de Mott contendo numerosas imunoglobulinas citoplasmáticas (corpúsculos de Russel), além de edema multifocal moderado e hemorragia focalmente extensiva moderada associada a presença de fibrina.

COMENTÁRIOS: os achados anatomopatológicos não devem ser avaliados isoladamente, para tanto sugere-se correlação com a apresentação clínica e demais exames/achados laboratoriais para uma melhor conclusão/interpretação diagnóstica. Analisando os achados anatomopatológicos, sugere-se considerar no diagnóstico diferencial o complexo gengivite-estomatite-faringite felino (CGEF). A amostra analisada pode não estar representando a lesão primária, havendo suspeita de neoplasia sugere-se nova coleta tecidual.

Fonte: Universidade de Passo Fundo, 2023.

Anexo 5 – Hemograma felino, solicitado à paciente descrita no relato de caso no dia.

ERITROGRAMA

Eritrócitos ($\times 10^6/\mu\text{L}$):	3,93	(5,0-10,0)	Plaquetas ($\times 10^3/\mu\text{L}$):	60*	(300 a 800)
Hemoglobina (g/dL):	6,0	(8,0 a 15,0)	<input type="checkbox"/> fibrina <input type="checkbox"/> agregação plaquetária		
Hematócrito (%):	20	(24 a 45)	Proteína plasmática total (g/dL):	7,4	(6,0 a 8,0)
VCM (fL):	50,89	(40 a 60)	Metarrubricitos: (/100 leucócitos):03		
CHCM (%):	30,00	(31 a 35)			

LEUCOGRAMA

Leucócitos totais ($/\mu\text{L}$):17.100			(5.500 a 19.500)
	RELATIVO (%)	ABSOLUTO ($/\mu\text{L}$)	
Mielócitos			(zero)
Metamielócitos			(zero)
N. Bastonados	10	1.710	(0 a 300)
N. Segmentados	63	10.773	(2.500 a 12.500)
Eosinófilos	00	00	(100 a 1.500)
Basófilos	00	00	(raros)
Linfócitos	27	4.617	(1.500 a 7.000)
Monócitos	00	00	(0 a 850)

Morfologia e observações adicionais

LEUCÓCITOS		ERITRÓCITOS	
Neutrófilos tóxicos: <input type="checkbox"/> 1+ <input checked="" type="checkbox"/> 2+ <input type="checkbox"/> 3+	<input type="checkbox"/> Neutrófilos hipersegmentados	Policromasia: <input type="checkbox"/> 1+ <input type="checkbox"/> 2+ <input type="checkbox"/> 3+	Anisocitose: <input checked="" type="checkbox"/> 1+ <input type="checkbox"/> 2+ <input type="checkbox"/> 3+
Linfócitos reativos: <input type="checkbox"/> 1+ <input type="checkbox"/> 2+ <input type="checkbox"/> 3+	Monócitos ativados: <input type="checkbox"/> 1+ <input type="checkbox"/> 2+ <input type="checkbox"/> 3+	Hipocromia: <input type="checkbox"/> 1+ <input type="checkbox"/> 2+ <input type="checkbox"/> 3+	<input type="checkbox"/> Corpúsculos de Howell-Jolly
Morfologia e observações adicionais			
		<input type="checkbox"/> CONTAGEM DE RETICULÓCITOS CORRIGIDA (%):	
		<input type="checkbox"/> FIBRINOGENIO (g/L):	(0,5 a 3)

Fonte: Universidade de Passo Fundo, 2023.